

O REAL *BUG* DO MILÊNIO THE REAL MILLENNIUM BUG

Juliana Rochael NASCIUTTI¹

Recebido em: 12/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

A COVID-19 atingiu a Itália logo no início do que viríamos a conhecer como uma grande crise global, com proporções catastróficas, só antes vistas nos períodos das grandes guerras. O isolamento obrigou os cidadãos a se reorganizarem social e profissionalmente, e a questão da violência doméstica emergiu com força nesse período de confinamento, em que estar em casa não é sinônimo de segurança para todos. Este texto propõe dar uma visão geral da situação atual na Itália em tempos da emergência de COVID-19 e dos efeitos causados nos centros antiviolência para mulheres que desejam fugir dos seus agressores.

Palavras-chave: COVID-19. Itália. Mulheres. Violência doméstica. Ativismo.

ABSTRACT

The new COVID-19 hit Italy at the very beginning of what we would come to know as a major global crisis, with catastrophic proportions, only before seen in periods of great wars. Isolation forced citizens to reorganize themselves socially and professionally, and the issue of domestic violence emerged strongly in this period of confinement when being at home is not synonymous with being safe for everyone. This paper proposes an overview of the current situation in Italy in times of the COVID-19 emergency, and the effects caused in the anti-violence centers for women who wish to flee from their aggressors.

Keywords: COVID-19. Italy. Women. Domestic Violence. Activism.

Era um fim de tarde do dia 9 de março de 2020, em Roma, e eu já estava em casa há 3 dias por conta de uma “gripe”. Não tinha ido ao estágio porque a propagação da COVID-19 estava

¹ Jornalista pela PUC-Rio, Mestre em Rádio e TV pela San Francisco State University, Mediadora Intercultural, Ativista Feminista e Operadora nos Centros Antiviolência para mulheres geridos pela ONG *Differenza Donna*. Autora do blog @letting_go_abroad.

aumentando no país e a ONG *Differenza Donna* teve que suspender os estágios do final do curso para Operadora dos Centros Antiviência. Eu já estava trabalhando na ONG há 3 semanas, também na área de comunicação, e me ligaram do escritório para dizer que a partir do dia seguinte iríamos trabalhar de casa. Ou seja, estágio interrompido e *home office*. Poucas horas depois, veio a notícia oficial do Presidente do Conselho de Ministros da Itália, Giuseppe Conte, que decretava a extensão da “zona vermelha”, até então composta de algumas regiões mais afetadas ao norte (Lombardia, Emilia Romagna, Piemonte e Veneto), para toda a Itália (LA REPUBBLICA, 2020). Era o início do famoso *lockdown*, ou isolamento, como chamam aqui, previsto inicialmente para durar até o dia 3 de abril. Apenas alguns dias antes, estávamos achando tudo um exagero e que esse tal coronavírus não passava de uma gripe um pouco mais forte. Roma não tinha sido muito afetada e nós, na ONG, tínhamos que lidar com coisas mais importantes pois, afinal, damos suporte a mulheres sobreviventes à violência doméstica e ao tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual, ambos os casos com números alarmantes aqui na Itália. Hoje, a violência de gênero é tutelada pela Lei n. 69/2019, que se enquadrou inteiramente na estrutura delineada pela Convenção de Istambul, em 2011, reconhecendo a violência contra a mulher como uma forma de violação dos direitos humanos e discriminação. A lei também prevê a proteção de crianças testemunhas de violência doméstica e requer, entre outras coisas, a penalização da mutilação genital feminina, muito comum nas mulheres africanas traficadas (MINISTERO DELL’INTERNO, 2019). A ONG *Differenza Donna* gerencia vários centros antiviência e duas casas que servem de abrigo: uma para mulheres vítimas de violência doméstica e seus filhos e outra para as mulheres traficadas e exploradas sexualmente, esta última onde eu trabalho. Ambas as casas são locais protegidos (refúgios em que os hóspedes possam estar em segurança, com pessoal qualificado e regras de proteção) e onde fazemos turnos ininterruptos para que aquelas que queiram fugir dos seus agressores tenham apoio e recursos 24 horas por dia, 7 dias na semana, com entrevistas, apoio jurídico e psicológico, além de abrigo para aquelas em situação de emergência que não têm para onde ir. Mesmo com o *lockdown*, não podíamos parar, mas nos adaptamos. E no mais, as medidas deveriam durar cerca de três semanas. No abrigo para as sobreviventes de violência doméstica, em vez de três turnos diários, (manhã, tarde e noite, porque dormimos nas casas de abrigo), reduzimos só a dois (um diurno e um noturno) e cada turno com apenas uma operadora. No centro para mulheres sobreviventes ao tráfico, começamos a fazer turnos de 24h com apenas uma operadora, assim evitando mais rodízios. Todas as mulheres abrigadas nos centros e seus filhos não podiam mais sair em hipótese alguma. As compras, como sempre, continuaram a ser feitas on-line e adotamos todas as medidas de segurança impostas pelo Governo: máscaras, álcool em gel em abundância, distanciamento físico entre operadoras e hóspedes e limpeza constante dos lugares comuns, como cozinha e banheiros.

As primeiras semanas foram estranhas até pela tranquilidade e o trabalho que se reduziu muito nos centros pois, com os tribunais fechados, muitos processos que a ONG segue foram adiados. As primeiras entrevistas destinadas à compreensão da situação de tais mulheres também foram adiadas. As ligações caíram em número substancial e nossa preocupação aumentou, pois, enquanto “estar em casa” é uma medida de segurança para a população durante a pandemia, para mulheres e crianças vítimas de violência doméstica passa a ser uma ameaça.

Enquanto isso, meus primeiros dias em casa foram tranquilos, embora um pouco estranhos. Como eu não estava em turno, era bom estar em casa, com mais tempo para mim e menos deslocamentos nesta cidade enorme, que tem um transporte público pouco eficaz. Agora eu teria mais tempo para me dedicar a mim, para me exercitar, colocar em prática projetos pessoais, ler mais... Por outro lado, tinha uma estranha sensação de desconforto por não ter escolhido esta situação e sim ter sido “obrigada” a segui-la com todas as suas restrições: proibição de sair de casa, salvo por questões de saúde, emergência, necessidade ou trabalho; comércio todo fechado

com exceção de supermercados, farmácias, tabacarias, cafeterias e parques. Para ir a qualquer um destes lugares, deveríamos preencher uma autocertificação com nossos dados, afirmando estar ciente do decreto em vigor e explicando o motivo do deslocamento. A multa para quem fosse pego sem respeitar as regras seria de 206 euros.

Começamos a ver os boletins diários às 18h, com os números de pessoas contagiadas, pessoas em terapia intensiva e mortos. Números que cresciam a cada dia, enquanto estávamos confinados, sem o direito de ir e vir. Eu tinha voltado de férias do Brasil há pouco e, como tinha entregue meu apartamento em dezembro, estava na casa de duas amigas, um pouco lá, um pouco cá e, com esta situação, acabei ficando cá com metade das minhas coisas lá. A sensação era a de estar num filme apocalíptico americano, com ruas desertas, silêncio e medo de um inimigo invisível. A ida ao supermercado virou uma aventura, com máscara, luvas e longas filas respeitando as distâncias e o número limitado de pessoas dentro.

Estou acostumada a trabalhar de casa porque também dou aulas de inglês on-line e faço as redes sociais para algumas empresas, mas foi difícil me organizar e gerenciar o tempo com tantas reuniões on-line e outra pessoa mais duas gatas em casa 24 horas. Amigos e familiares começaram a me enviar mensagens de apoio preocupados comigo, enquanto eu me preocupava com o que aconteceria quando o vírus chegasse ao Brasil, o que, para mim, era só uma questão de tempo. Comecei então a tentar informar e advertir todos através das redes e isto me tomou também muito tempo.

Passados alguns dias do decreto de emergência COVID-19, as restrições aumentaram e fecharam os parques e as cafeterias. As atividades ao ar livre, como o jogging, foram proibidas e só se podia sair do confinamento (sempre com a autocertificação) em um perímetro de 200 metros de casa. Pais só podiam sair individualmente ou com um dos filhos por vez e, mesmo assim, só para os casos listados no decreto. Mais alguns dias e as multas passaram a valer de 400 a 3 mil euros, batendo recordes a cada dia, enquanto os números de contagiados, pessoas em terapia intensiva e mortes seguiam na mesma proporção. O setor do turismo começava a colapsar com o cancelamento de todas as reservas para março e abril, e mais tantas outras reservas até setembro, meses de alta estação num país que depende imensamente do turismo. Poucos restaurantes tentavam ainda sobreviver, fazendo entregas a domicílio. Não só os comerciantes não tinham mais uma fonte de renda, mas ainda tinham que pensar nos seus empregados, sem uma previsão concreta de retorno à vida normal. Roma, a cidade eterna, virou um museu deserto ao ar livre.

Até o momento, passados os 55 dias de isolamento (que foi prorrogado de 3 de abril a 4 de maio) e no terceiro dia da fase 2, com uma reabertura parcial e ainda muito restrita, muitas pessoas se encontram no que aqui chamam de *cassa integrazione* (o equivalente no Brasil à suspensão temporária de contrato), ou seja, a empresa paga cerca de 80% do salário do funcionário para que ele esteja em casa e não seja demitido, por um período de no máximo 9 semanas. Outros empregadores ainda estão tentando se ajustar para não realizar demissões em massa. Microempresários receberam um auxílio de 600 euros do governo para os meses de março e abril e podem receber outros mil em maio, caso comprovem uma perda do faturamento de 33%. O Governo Italiano também instituiu uma contribuição econômica chamada de “vale compras” para gastar com alimentos e/ou itens de necessidades básicas a pessoas ou famílias com dificuldades econômica e social causadas pela atual situação de emergência. O benefício varia de 300 a 500 euros de acordo com o número de pessoas no núcleo familiar (ROMA CAPITALI, 2020).

Desde março, os telejornais não falam de outro assunto a não ser a COVID-19 e dos efeitos que a pandemia está tendo na economia. A previsão é que o PIB Italiano seja de - 9,5% e a expectativa de dívida de 159% (IL FATTO QUOTIDIANO, 2020).

Em relação ao meu trabalho e à situação da violência doméstica, os números também não são muito animadores. Nas duas primeiras semanas da pandemia, houve uma grande queda nas ligações aos centros antiviolência, número que rapidamente mudou nas semanas seguintes com os casos de urgência. De acordo com a Rede D.i.Re (*Donne in Rete contro la violenza*), da qual a ONG *Differenza Donna* é uma das fundadoras, de 2 de março a 5 de abril de 2020, os centros antiviolência da rede em toda a Itália foram contatados por um total de 2.867 mulheres, das quais 806 (28%), pela primeira vez. O crescimento nas solicitações de suporte, em comparação com a média mensal registrada na última pesquisa estatística realizada em 2018, igual a 1.643, foi de 74,5% (D.I.RE, 2020). O aumento da violência doméstica com a situação de isolamento tem sido pauta de muitas reportagens e campanhas, mas, mesmo assim, a situação ainda é muito delicada. Com o *lockdown*, os casos de mulheres em perigo de vida que ligam para os centros gerenciados pela ONG *Differenza Donna* também aumentaram muito, mas neste momento de emergência, é muito mais complicado conseguir abrigo para estas sobreviventes e seus filhos devido às exigências sanitárias. A ONG tem trabalhado em sinergia com a polícia, o sistema jurídico e os hospitais, mas os abrigos estão lotados e mesmo os que têm vagas não podem receber ninguém sem que antes essas pessoas passem por um período de quarentena. Onde passar a quarentena então virou um outro problema e o governo regional não tem conseguido dar o suporte necessário. Além disso, muitas mulheres que já são acompanhadas pela ONG estão passando por dificuldades financeiras porque os ex-maridos não estão pagando as pensões por causa da crise ou porque elas próprias perderam o emprego.

Estamos na fase dois, mas na prática não mudou muita coisa. Volto a trabalhar no centro daqui uns dias, em turnos de 24h, com todas as exigências e restrições da quarentena. As mulheres hóspedes ainda não poderão sair para retomar as aulas de italiano que têm feito on-line, nem para os estágios ou empregos que haviam iniciado. Toda cautela é pouca.

Na vida privada, continuamos tendo que preencher a autocertificação cada vez que saímos, mas agora os parques reabriram e podemos fazer jogging e exercícios ao ar livre, desde que sozinhos ou com uma outra pessoa à distância de pelo menos 2 metros. As cafeterias também estão funcionando, mas podemos só entrar, comprar e consumir do lado de fora. O novo decreto também permite visitas aos *congiunti*, termo que, para os italianos, inclui parentes e afins, cônjuges, parceiros de convivência, namorados ou “afetos estáveis”, o que dá margem para muitas interpretações e fuga do isolamento social. Enquanto o clima ainda continua tenso e confuso, com perspectivas negativas e incertas no que diz respeito à situação econômica e trabalhista da Itália, sigo firme na minha defesa às mulheres vítimas de violência, trabalhando no centro da ONG e de casa e vendo parentes e amigos on-line. É uma nova rotina, cheia de cuidados, mas também com alguns ganhos, como o silêncio e a própria gestão do meu tempo.

Como a situação vai se desenvolver e as relações pessoais e de trabalho vão mudar, ainda não sabemos ao certo, mas a discussão está em pauta. Muitos vão continuar em home office até setembro, e algumas empresas estão avaliando se reestruturar para incluir o *smart working*. As escolas estão previstas para reabrir também em setembro, e cinemas, teatros e shows devem voltar só em dezembro. Existe a perspectiva de uma retomada do turismo nacional a partir de junho, mas a verdade é que o cenário ainda é muito nebuloso e todos, população e governo, ainda estão muito perdidos e cheios de incertezas. Um dado que parece claro é a redução quase a zero do uso do papel moeda e adoção dos cartões de débito e crédito, mais seguros para evitar a propagação do vírus.

A COVID-19 causou um grande impacto nas nossas vidas pessoal e profissional, e nos obrigou a reestruturar nossas relações. Até que ponto essas mudanças sociais e virtuais vieram para ficar, não sabemos. Na Itália, se fala em repensar a estrutura sanitária do país, os modelos sócio-econômicos adotados até o momento e uma União Europeia mais unida de fato. Só o tempo nos

dirá as oportunidades reais de mudança que essa crise poderá nos proporcionar. No meu microcosmo, espero que possamos realmente colher frutos positivos deste “bug do milênio”, que chegou 20 anos depois do esperado, mas com uma força que não havíamos previsto. Desejo que a crise seja, realmente, uma oportunidade de mudança para um mundo melhor, mais criativo, sustentável e justo. Mas ainda viveremos com máscaras, luvas e álcool em gel por um bom tempo.

REFERÊNCIAS

BUONI SPESA coronavirus, avviso pubblico. **Roma Capitali**, Roma. 31 de março de 2020. Disponível em: <https://www.comune.roma.it/web/it/scheda-servizi.page?contentId=BEC560368>. Acesso em: 12 mai. 2020.

CORONAVIRUS, “l’Europa vive la peggiore recessione della sua storia: Pil giù del 7,4% nel 2020. In Italia previsto crollo del 9,5% e debito al 159%”. Gentiloni: “Dati disomogenei: Berlino recupererà entro 2021, Roma no”. **Il Fatto Quotidiano**. 06 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.ilfattoquotidiano.it/2020/05/06/coronavirus-pil-dellintera-unione-europea-crollera-del-74-nel-2020-in-italia-previsto-calo-del-95-debito-al-159-disoccupazione-salira-gentiloni-siamo-entrati-nella-peggiore-recessione-nell/5792984/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

CORONAVIRUS, l'Italia diventa "zona protetta": spostamenti vietati se non per comprovate necessità. Conte: "Non c'è più tempo". **La Repubblica**. 09 de março de 2020. Disponível em: https://www.repubblica.it/cronaca/2020/03/09/news/coronavirus_situazione_italia-250756249/?ref=RHPPTP-BL-I250789330-C12-P1-S1.12-T1. Acesso em: 12 mai. 2020.

VIOLENZA di genere. **Ministero dell’Interno**. 05 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.interno.gov.it/it/temi/sicurezza/violenza-genere>. Acesso em: 12 mai. 2020.

VIOLENZA-COVID19 – 2867 donne si sono rivolte ai centri antiviolenza D.i.Re durante il lockdown. **D.i.Re, Donne in Rete contro la violenza**. 14 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.direcontrolaviolenza.it/violenza-covid19-2867-donne-si-sono-rivolte-ai-centri-antiviolenza-d-i-re-durante-il-lockdown/>. Acesso em: 12 mai. 2020.